



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2020

Transferência nas Psicoses

Primeiro Autor¹; Roberta Aguiar Prisco

Segundo Autor²; Ivone de Maia Mello

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: beta.agpr@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ivonemaia@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise, psicose, transferência.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o resultado de um estudo teórico, realizado no contexto da iniciação científica, sobre o papel da transferência no tratamento possível das psicoses orientado pela Psicanálise. Reconhecendo a transferência como eixo do processo analítico, seu estudo é essencial para se pensar a possibilidade de tratamento nas psicoses, a partir de Lacan. Em seu primeiro ensino, Lacan considera a diferença estrutural entre neuroses e psicoses como determinante para pensar a direção do tratamento. Iniciamos esse estudo pelos textos de Freud relacionados ao tema das psicoses, como Introdução ao Narcisismo (1914), A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose, entre outros; buscando elucidar como o autor pensou a diferença diagnóstica e a transferência nas psicoses, chegando a considerar impossibilidade do tratamento pela via da psicanálise. Em seguida investigamos na obras de Lacan como o diagnóstico diferencial, a transferência e a direção do tratamento apontam para uma possibilidade de trabalho pela psicanálise com sujeitos psicóticos, a partir de sua convocação, “a psicose é aquilo frente a qual um analista não deve retroceder em nenhum caso” (LACAN, 1977/2010, p. 09). Para isso, examinamos alguns de seus textos, entre eles, O estágio do espelho como formador da função do eu (1949/1998) e de uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses (1956/1995).

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Compreendendo o modo pelo qual as pesquisas em Psicanálise estruturam-se a partir da clínica, investigamos a teoria que se constrói a partir da experiência prática dos autores selecionados. Para isso, embasamos esse estudo na metodologia da hermenêutica criativa, “interpretação criativa, ou seja, aquela que procura resgatar um suposto sentido intrínseco da obra e aquela que é a produção de um sentido novo a partir da subjetividade do leitor” (Figueiredo, 1994). A hermenêutica criativa enquanto fundamento para um método de pesquisa dentro do campo psicanalítico, compreende a implicação do sujeito pesquisador naquilo que se propõe estudar. Implicação essa que atravessa todo o processo de investigação desde a escolha do tema

“A pesquisa em psicanálise, ao invés de se deter na busca do estabelecimento de critérios para assegurar a validação universal dos resultados da pesquisa através dos quais se obtém um saber universal, centra-se na busca de uma singularidade tomada como verdade do sujeito. Sustentamos, desse modo, que a pesquisa clínica pode ser eficaz e produtora de conhecimento, embora seja orientada por critérios que lhe são próprios” (MOREIRA; NETO, 2010, p. 104).

Assumindo a impossibilidade de neutralidade e a imediata inserção subjetiva de cada olhar ao debruçar-se sobre uma temática, assume-se também que cada produção é única e irreplicável, pois cada uma traz consigo, interpretações, significações, algo do singular daquele que a conduz, fatos estes que não comprometem em nada sua eficácia.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Em Freud

As primeiras observações acerca da transferência, foram realizadas por Freud (1895), em meio aos seus estudos sobre histeria. A partir do trabalho com seus pacientes, Freud, percebeu um comportamento incomum entre eles, uma espécie de amor direcionado ao médico. Esse comportamento passou a ser estudado por ele, que chegou a denominá-lo de ‘falsa ligação’ (Freud, 1985-2006, p.313), e depois de transferência. A transferência, é largamente estudada e compreendida como um dos conceitos mais caros a teoria da clínica psicanalítica sendo considerada a condição *sine qua non* para qualquer processo de análise.

A transferência enquanto mecanismo fundamental de um processo de análise, surge da relação entre médico e paciente e sua ocorrência ou não, está intimamente ligada a figura do médico (analista). Devido a autocensura do analisante, nem sempre a transferência ocorrerá, e em seu lugar pode haver um processo de resistência, que segundo Freud (1895), pode ser revertida a partir de uma mudança de comportamento do médico “além das motivações intelectuais que mobilizamos para superar a resistência, há um fator afetivo, a influência pessoal do médico, que raramente podemos dispensar, e em diversos casos só este último fator está em condições de eliminar a resistência" (Freud, 1895-2006, p. 296).

O processo transferencial deve ocorrer no momento que antecede a entrada em análise, este momento foi inicialmente chamado de ‘tratamento preliminar’ (Freud, 1913) e depois de ‘entrevistas preliminares’ (Lacan, 1955). Esse momento que consiste nos primeiros encontros em analista e analisante cumpre um papel fundamental dentro do processo de análise. São esses encontros iniciais que irão possibilitar o analista a conhecer o caso, assim como aceitar ou não atender a tal demanda. A partir desses primeiros encontros é possível tecer o diagnóstico diferencial, fator imprescindível para se pensar na direção do tratamento.

No texto, *Neurose e Psicose* 1923, Freud apresenta uma diferenciação entre a neurose e a psicose, de acordo com ele “a neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo” (Freud, 1924 [1923]). Freud defende a ideia de que as neuroses irão surgir a partir de um recuo do ego frente a um forte impulso do id. Através do mecanismo de repressão, o ego tenta conter esse impulso, que ao ser reprimido cria uma representação substitutiva, um sintoma. No caso das psicoses, o mundo externo não tem tanta notoriedade, não é percebido e desse modo então, o ego cria um mundo externo e interno, que tem como base os impulsos desejosos do id, que por sua vez são motivados pela frustração de algo que tornou-se impossível de suportar. Ao falar sobre os delírios comuns as psicoses, Freud diz que eles funcionam como uma espécie de remendo na tentativa de tamponar uma ruptura ocasionada pela relação do ego com o mundo externo.

As psiconeuroses, assim como as psicoses constituem-se a partir de uma frustração de impulsos desejosos não realizados na infância. Essa frustração, por não ter sido superada, encontra-se enraizada e torna-se uma espécie de força motriz para o desencadeamento das estruturas acima citadas. Os efeitos patogênicos, irão depender de “o ego, numa tensão conflitual desse tipo, permanecer fiel à sua dependência do mundo externo e tentar silenciar o id, ou ele se deixar derrotar pelo id e, portanto, ser arrancado da realidade” (Freud, 1924 [1923]). Após explanar acerca da etiologia das psiconeuroses e das psicoses, Freud apresenta um breve resumo que define a constituição de cada uma. Segundo ele, “as neuroses de transferência correspondem a um conflito entre o ego e o id; as neuroses narcísicas, a um conflito entre o ego e o superego, e as psicoses, a um conflito entre o ego e o mundo externo” (Freud, 1924 [1923] p.8).

Freud afirma que tanto as psiconeuroses assim como as psicoses, de alguma forma refletem uma deficiência do ego em conseguir conciliar todas as exigências a ele atribuídas “isto é, portanto, de que elas refletem um fracasso ao funcionamento do ego, que se vê em dificuldades para reconciliar todas as várias exigências feitas a ele”. Assim como nas neuroses, nas psicoses também ocorre uma tentativa de reparação. Entretanto, o que irá diferenciar as duas estruturas é o fato de nas neuroses, o ego depende da realidade e trabalha a fim de reprimir os impulsos desejosos do id, ao passo de que nas psicoses, o ego não considera a realidade.

No texto, A perda da realidade nas neuroses e nas psicoses 1924, Freud explica que a diferenciação entre as duas estruturas ocorrerá ao passo que nas neuroses, a realidade irá ter maior predominância, enquanto nas psicoses, o que irá predominar é justamente o afastamento da realidade. Em ambos os casos, irá ocorrer uma tentativa de substituir a realidade alcançada por uma realidade possível de atender aos impulsos do id e aos desejos do sujeito. De acordo com o autor, “para uma neurose o fator decisivo seria a predominância da influência da realidade, enquanto para uma psicose esse fator seria a predominância do id” (Freud, 1924, p. 1). Enquanto nas neuroses, a perda da realidade é evitada, nas psicoses ela se faz presente. Em uma comparação entre os processos de surgimento das neuroses e das psicoses, Freud defende que “tanto a neurose quanto a psicose são, pois, expressão de uma rebelião por parte do id contra o mundo externo, de sua indisposição —ou, caso preferirem, de sua incapacidade —a

adaptar-se às exigências da realidade” (Freud, 1924, p. 2). As diferenças existentes entre as neuroses e psicoses são mais acentuadas na primeira etapa de seu surgimento do que no modo em que ambas buscam reparação.

Enquanto nas neuroses uma espécie de fuga gera rejeição a algum fragmento de realidade, nas psicoses existe uma tentativa de substituição da realidade, “a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la” (Freud, 1924, p. 2). Entretanto, assim como ocorre nas psicoses, nas neuroses também existe a esquiva da realidade ao qual não se aceita. Sobre este ponto, Freud afirma que “na neurose não faltam tentativas de substituir uma realidade desagradável por outra que esteja mais de acordo com os desejos do indivíduo”, (Freud, 1924, p. 3), o que ocorre através das construções fantasiosas. Freud já havia explanado acerca dessa questão alguns anos antes em 1911, no artigo, *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*. Sobre esse tema, o autor afirmou que, “os neuróticos afastam-se da realidade por achá-la insuportável — seja no todo ou em parte. O tipo mais extremo deste afastamento da realidade é apresentado por certos casos de psicose alucinatória que procuram negar o evento específico que ocasionou o desencadeamento de sua insanidade” (Freud, 1911).

No emblemático texto, *Introdução ao Narcisismo* Freud 1914, o autor, difere a manifestação do narcisismo nas parafrenias e nas neuroses e explica que, enquanto nas parafrenias há um “abandono do interesse pelo mundo externo (pessoas e coisas) (...)sem substituí-las por outras na fantasia” (Freud, 1914, p. 11), nas neuroses, embora haja uma parcela desse abandono, “de maneira nenhuma suspendem a relação erótica com pessoas e coisas. Ainda a mantêm na fantasia, isto é, por um lado substituem os objetos reais por objetos imaginários de sua lembrança, ou os misturam com estes, e por outro lado renunciam a empreender as ações motoras para alcançar as metas relativas a esses objetos” (Freud, 1914, p.11).

O narcisismo primário compunha o desenvolvimento sexual de todos os seres humanos, é vivenciado logo no início da vida, nos primeiros meses do bebê. Nessa etapa, a criança ainda não tem o “eu” constituído, e não há uma concepção de corpo unificado, “uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o

Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais;” (Freud, 1914, p. 13). Nessa fase, a criança obtém satisfação pulsional em seu próprio corpo (libido do eu), através da sucção por exemplo, as pulsões ainda são desordenadas e buscam se satisfazer de formas aleatórias, é o auto-erotismo, estado inicial da libido que rege essa fase. Como dito anteriormente, não nascemos com o eu constituído, o mesmo precisa ser formado, e essa formação se dará através de um novo ato psíquico, o narcisismo. É preciso destacar que o narcisismo não se define apenas como uma passagem entre o auto-erotismo e a escolha objetual, o narcisismo permeia toda a vida, e não deixa de existir.

Em O inconsciente 1915, Freud difere os processos da repressão nas neuroses e na psicose, que ele irá trazer como esquizofrenia. De acordo com Freud, na neurose, ao abdicar do objeto real, a libido é direcionada a um objeto de fantasia. Entretanto, o investimento no objeto continua acontecendo, mesmo com a repressão, “afinal, a capacidade para a transferência, que nessas afecções nós utilizamos para fins terapêuticos, pressupõe um investimento objetual inalterado” (Freud, 1915, p. 101). Contudo, no caso da esquizofrenia, o mesmo não ocorre. Nessa estrutura, após passar pelo processo de repressão, a libido não se direciona para um novo objeto, e sim se volta para o eu, gerando um estado ‘primitivo de narcisismo’, ao qual nenhum outro objeto é eleito para se investir a libido. Sobre esse ponto, Freud, afirma que,

“a incapacidade desses pacientes para a transferência — até onde alcança o processo patológico —, a consequente inacessibilidade à terapia, a característica rejeição do mundo externo, o surgimento de sinais de um sobre investimento do próprio Eu, o desfecho na completa apatia, todos esses traços clínicos parecem condizer perfeitamente com a hipótese de um abandono dos investimentos objetais” (Freud, 1915, p. 101-102).

Embora o processo transferencial tenha mostrado a sua importância e eficiência inquestionável dentro do campo das neuroses, sua eficácia dentro do campo das psicoses foi bastante questionada, levantando uma incerteza acerca da possibilidade de tratamento partindo da Psicanálise para este campo. Inclusive, o próprio Freud chegou a afirmar que ‘as psicoses são impróprias para a psicanálise, ao menos tal como tem sido praticada até o momento. (Freud, 1904, p. 250). Contudo, Freud reconhece que a via de tratamento direcionada às psicoses pode sim ser possível, porém por caminhos

diferentes do das neuroses, respeitando as diferenças e especificidades dessa estrutura “pode-se presumir, então, que a transferência na psicose não é impossível, e sim de outra ordem, diferente da transferência que se coloca para as neuroses de transferência” (Freud, 1996, p. 142).

A razão pela qual sustentava-se incerteza acerca da eficácia do tratamento psicanalítico voltado para as psicoses era o modo como os sujeitos dentro dessa estrutura se constituem e estabelecem suas relações objetais de forma diferente das neuroses. Nas psicoses, existem um afastamento da realidade, e os delírios são construções próprias dessa estrutura, que surgem para lidar com a realidade a qual não se suporta (Freud, 1923). Embora Freud tenha inaugurado do tema das psicoses dentro da teoria da Psicanálise, é a partir da retomada dessa temática feita por Lacan, que essa estrutura passa a ter maior espaço na clínica psicanalítica, assim como uma orientação de tratamento adequada às suas especificidades.

Em Lacan

Em meio as incertezas acerca do tratamento psicanalítico direcionado as psicoses, Lacan nos convocou a não recuar “a psicose é aquilo frente a qual um analista não deve retroceder em nenhum caso” (LACAN, 1977/2010, p. 09). Entretanto, Lacan reconhece que as vias de tratamento para esses sujeitos devem-se seguir um caminho diferente da via de tratamento das neuroses. Contudo, para pensar o caminho a seguir em direção do tratamento das psicoses, é necessário considerar as especificidades desse campo.

Ao nascer, a criança estabelece uma relação de dependência com seu cuidador, com aquele que a alimenta, que supre suas necessidades tanto biológicas, quanto imaginárias, comumente esse papel é desempenhado pela mãe. A criança em um primeiro momento se confunde com esse outro ao qual ela necessita para mediar seu desejo, e através dessa mediação, onde a mãe ocupa um lugar absoluto a criança irá acessar ao campo simbólico.

A ideia de corpo enquanto unidade, será vivida pela criança a partir de sua imagem especular. Essa experiência será vivida em um primeiro momento onde a criança ainda não tem uma noção exata das bordas de seu corpo, e ainda não distingue o que é ela e o que é o outro. Em um segundo momento, ela se dá conta de que o outro no espelho é uma imagem, distinguindo o outro da realidade. Na terceira etapa, a criança já compreende que aquilo que aparece no espelho é uma imagem o que a permite compreender seu corpo enquanto unidade, deixando para trás a ideia de corpo fragmentado. Lacan esclarece que esse momento de apreensão do corpo pela criança, ocorre antes mesmo de sua maturação motora, fisiológica e antecede também a dialética:

“a assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de infantil (...) antes de se objetivar na dialética da identificação o ou antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (Lacan, p. 97, 1949 [1998]).

É a partir da *gestalt* que se encaminha esse processo de constituição do eu. Ao utilizar a metáfora do espelho, Lacan não está falando unicamente da relação da criança com o espelho concreto, mas sim da relação da criança com a realidade que a cerca. Lacan utiliza essa metáfora para ilustrar a relação que a criança estabelece com seu corpo, com as pessoas e os objetos ao seu redor.

A partir dessa situação conflituosa a criança inicia o processo de constituição do eu “a função do estágio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da imago, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade - ou, como se costuma dizer, do *Innenwelt* com o *Umwelt*” (Lacan, 1949-1998, p. 100). Lacan, indica que a imagem tem função de relacionar o organismo com a realidade “a partir daí que esta cria para si uma identificação, após superar o despedaçamento real de seu corpo, até uma "totalidade ortopédica" (Lacan, 1949-1998, p. 100).

Um importante texto para se pensar a constituição psicótica é, “Totem e Tabu” (Freud, 1913). Lacan, destaca a importância desse texto para a Psicanálise, pois ele fala sobre “o mito do assassinato do pai, tomado necessário pela presença

constitutiva do complexo de Édipo em toda história pessoal” (Lacan, 1958, p. 550). É nesse texto que Freud irá falar sobre o mito da horda primeva, o parricídio que inaugura o complexo de Édipo, um conceito fundamental da Psicanálise. Sobre esse ponto é importante destacar que a partir do complexo de Édipo, Lacan pensará o falo, presente nos dois sexos. Não o falo enquanto órgão genital, mas sim enquanto função do complexo de castração.

Ao falarmos da clínica das psicoses, torna-se essencial, explicar sobre forclusão, termo utilizado por Lacan, que faz referência ao termo *verwerfung* anteriormente, utilizado por Freud. Tratando-se da neurose, temos o sintoma enquanto retorno do recalçamento, enquanto nas psicoses, o mecanismo de defesa se dá pela forclusão, resultando nas alucinações aquilo que retorna. A forclusão encontra-se na origem das psicoses, e consiste na rejeição do significante Nome-do-Pai, estando fora do registro do simbólico. A falha no registro de castração confere condição essencial às psicoses.

Em meio as diferenças existentes entre as neuroses e psicoses, é necessário destacar, a relação do sujeito com o significante. Sobre esse ponto, Lacan, no diz que "A promoção, a valorização na psicose dos fenômenos de linguagem é para nós o mais fecundo dos ensinamentos" (LACAN, 1956-57/1988, p. 167). No seminário 3, Lacan reconhece os distúrbios da linguagem enquanto premissa para as psicoses ao afirmar que:

“Como não ver na fenomenologia da psicose que tudo, do começo ao fim, se deve a uma certa relação com essa linguagem de uma só vez promovida ao primeiro plano da cena que fala sozinha, em voz alta, com seu ruído, seu furor, bem como com sua neutralidade? Se o neurótico habita a linguagem o psicótico é habitado, possuído pela linguagem” (Lacan, 1956-57/1988, p. 284).

Em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, Lacan utiliza os termos *‘perceptum’* e *‘sensorium’* para explicar que as alucinações não são produtos da percepção, como pode ser compreendido se seguirmos uma linha puramente organicista (Lacan, 1958). Ao pensarmos um sujeito que seja surdo e mudo e venha a apresentar uma alucinação verbal, a lógica organicista defenderia essa alucinação enquanto produto de um mal funcionamento do aparelho auditivo, entretanto de acordo com Lacan, essa alucinação independe do funcionamento adequado ou não do

aparelho auditivo, pois independe do '*sensorium*'. Com isso, o que se espera entender é que as alucinações não são um produto da percepção, mas sim da linguagem

“Mais impressionante ainda, porém, é a relação do sujeito com sua própria fala, onde o importante é mascarado sobretudo pelo fato puramente acústico de que ele não poderia falar sem se ouvir. Que ele não possa escutar-se sem se dividir tampouco é privilégio dos comportamentos da consciência. Os clínicos deram um melhor passo ao descobrir a alucinação verbal motora pela detecção do esboço de movimentos fonatórios esboçados. Mas nem por isso articularam onde reside o ponto crucial, que é que, sendo o *sensorium* indiferente na produção de uma cadeia significante” (Lacan, 1958, p. 539).

A relação que esses sujeitos estabelecem com o outro, é própria, não existindo barreira simbólica, mantendo então uma relação imaginária,” É na medida em que ele não conseguiu, ou perdeu esse Outro, que ele encontra o outro puramente imaginário” (Lacan, 1956-57/1988 p. 238), neste lugar que o analista será colocado. De acordo com o autor “para o psicótico uma relação amorosa é possível abolindo-o como sujeito, enquanto ela admite uma heterogeneidade radical do Outro. Mas esse amor é também um amor morto” (Lacan, 1956-57/1988 p. 287). Com isso, compreendemos que dentro desse campo, o sujeito ama apenas a si, ou ama um ideal que substitui a realidade.

Ao considerarmos a transferência enquanto um amor direcionado ao saber, compreenderemos que o sujeito busca no analista um saber sobre sua própria falta. Tal demanda, coloca o analista na posição de significante. Entretanto, identificar o significante daquilo que falta, implicaria em identificar o significante do desejo, o que causaria o fim do desejo, pois não há desejo se não há vazio. O analista enquanto sujeito suporte saber, ocupa a posição de significante daquele que falta, logo do objeto de desejo. Este lugar ocupado pelo analista, abre a possibilidade de transferência,

“Para que um analista possa ter aquilo que falta ao outro, é preciso que ele tenha a nesciência enquanto nesciência. É preciso que ele esteja sob o modo de ter, que ele não seja. Sem dúvida, ele está sempre para além de tudo o que o sujeito sabe, sem poder dizer isso a ele. Só pode lhe fazer signo, ser aquilo que representa alguma coisa para alguém” (Lacan, 1960-1961- 1992, p. 232).

Ao sustentar-se no lugar daquele que sabe o analista em verdade está sustentando a falta, o lugar de vazio que permite ao analisante elaborar, inventar. Considerando o delírio enquanto uma construção, na tentativa de reorganização do

funcionamento mental, escutar o sujeito psicótico permite que ele possa através da palavra circunscrever aquilo que o invade, permitindo desse modo que alguma amarração seja passível de acontecer, limitando o deslocamento infinito de significação gerando uma possibilidade além da passagem ao ato.

Ao pensarmos no tratamento direcionado as psicoses partindo do campo psicanalítico, nos deparamos com a expressão ‘secretário do alienado’. Esse termo foi utilizado por Lacan em seu seminário de número três, dedicado ao tema das psicoses e ministrado por ele entre os anos de 1955 e 1956. A proposta orientada por Lacan ao apresentar essa expressão refere-se ao ato de acolher a fala do alienado, valorizando aquilo que ele diz “ao pé da letra”, ainda que seu discurso não demonstre uma aparente coerência

“Vamos aparentemente nos contentar em passar por secretários do alienado. Empregam habitualmente essa expressão para censurar a impotência dos seus alienistas. Pois bem, não só nos passaremos por seus secretários, mas tomaremos ao pé da letra o que ele nos conta – o que até aqui foi considerado como coisa a ser evitada. Não é por ter estado longe o bastante na sua escuta do alienado que os grandes observadores que fizeram as primeiras classificações tornaram sem vigor o material que lhes era oferecido?” (Lacan, 1955-56, p. 235).

Com isso, Lacan propõe que o pilar ao qual o tratamento psicanalítico voltado as psicoses devem se basear, parte do ato de testemunhar aquilo que o alienado apresenta, oferecendo-o lugar de escuta. O analista por sua vez, deve estar atento ao sentido que o sujeito atribui ao seu próprio discurso, “é uma significação que basicamente só remete a ela própria, que permanece irreduzível. O próprio doente sublinha que a palavra tem peso em si mesmo” (LACAN, 1955-56, p. 43). Na clínica voltada para as psicoses, a realidade psíquica criada pelo próprio sujeito terá notoriedade.

Sobre a cadeia de significantes, Lacan destaca três importantes pontos, ‘1º) está se impõe por si ao sujeito em sua dimensão de voz;’ - com isso, Lacan traz que a cadeia de significantes independe do ‘*sensorium*’, a voz pode existir sem o som. ‘2º) ela assume como tal uma realidade proporcional ao tempo -perfeitamente observável na experiência-que sua atribuição subjetiva comporta;’ - compreende-se a partir desse ponto que, a cadeia significante demanda um tempo evolutivo, a alucinação verbal sustenta essa relação com o tempo. ‘3º) sua estrutura própria, como significante, é determinante nessa atribuição que, em regra, é distributiva, isto é, com diversas vozes, e colocando

portanto o *percipiens* como tal, pretensamente unificante, como equívoco'- neste terceiro e último ponto, Lacan destaca que muitas vezes não é apenas uma voz que se faz presente na alucinação, mas sim muitas delas.

Há três dimensões as quais devemos considerar na alucinação verbal, que são, quem fala, o que fala, e a quem fala. O sujeito que alucina, não consegue compreender as vozes que escuta como uma produção própria. Para ele as vozes vêm de um outro, que lhe diz algo ao qual ele precisa ouvir. Outra questão importante, diz respeito ao sentido das colocações dentro de um quadro de alucinação, fenômenos de código e de mensagem. Comumente o sujeito psicótico, recorre a palavras ou termos existentes na gramática, mas atribui a ele um significado próprio, que faz sentido apenas para ele, ou em alguns casos nem mesmo para ele de fato faz sentido, e o termo é utilizado apenas para ocupar um lugar vazio e é o fenômeno de código.

Outra forma de expressão dos fenômenos de códigos, são as palavras novas que são criadas dentro de um contexto de alucinação para se expressar., “essa parte dos fenômenos é especificada em locuções neológicas por sua forma (novas palavras compostas, mas numa composição conforme às regras da língua do paciente) e por seu emprego” (Lacan, 1958. p. 544). A exemplo disso, podemos pensar no termo, ‘junção de nervos’ utilizado por Schereber. É importante frisar que o sentido atribuído a essas expressões é algo intransferível existente apenas para o sujeito que as utiliza.

Já os fenômenos de mensagem, ocorrem quando o sujeito tenta transmitir uma mensagem. Entretanto, essa mensagem chega ao ouvinte de forma fragmentada, uma parte é dita, porém não se completa, fazendo sentido algum para aquele que escuta “podemos observar que a frase se interrompe no ponto onde termina o grupo de palavras que poderíamos chamar de termosíndice, isto é, aqueles cuja função no significante é designada, conforme o termo empregado acima, por *shifters*, ou seja, precisamente os termos que, no código, indicam a posição do sujeito a partir da própria mensagem” (Lacan, 1958. p. 546). A exemplo do que foi dito acima, Lacan apresenta algumas dessas frases “agora eu vou me...”, “nisso eu quero...”. O complemento da frase fica cortado e não aparece.

Ainda na tentativa de abordar as especificidades das psicoses, Lacan retoma alguns conceitos desenvolvidos por Freud. Ele cita o texto, Perda da Realidade na Neurose e na Psicose para destacar que no caso das psicoses “o problema não é o da perda da realidade, mas o expediente daquilo que vem substituí-la” (Lacan, 1958, p. 549), com isso Lacan, reforça que aquilo que o sujeito ‘elege’ para substituir a realidade (delírios) tem mais relevância do que a perda dela em si. Muitas vezes o trabalho desenvolvido nas psicoses visa trazer o sujeito para a realidade, e estar o mais alinhado com ela possível. É exatamente a esse modo de pensar as psicoses que Lacan irá criticar. Para ele, ao invés de ocupar-se tentando resgatar o sujeito para a realidade, Lacan irá propor ceder atenção para a elaboração subjetiva do sujeito, que são os delírios, que surgem para substituir essa realidade, para ele é necessário valorizar mais esse ponto ao pensar as psicoses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Ao longo de todo esse trabalho, pudemos observar a importância do percurso traçado desde Freud, até Lacan no desenvolvimento do tratamento voltado às psicoses, tal como pudemos verificar que ainda hoje as particularidades da estrutura psicótica apresentam um desafio à clínica psicanalítica, que só é possível de ser contornado ao levarmos em consideração suas especificidades e ao debruçarmos aos fundamentos acerca do tema, desenvolvidos e polidos dentro da Psicanálise.

Embora, Freud não tenha desenvolvido a direção de tratamento voltada as psicoses, tanto quanto fez com as neuroses, o autor inaugurou o tema partindo da Psicanálise e através de conceitos fundamentais como transferência, narcisismo e complexo de Édipo, deixou um terreno fértil para que mais tarde Lacan pudesse retomá-lo, lapidando e desenvolvendo a possibilidade de transferência dentro desse campo assim como suas possíveis vias de tratamento.

A partir da convocação lacaniana do não recuo frente as psicoses, é possível constatar aquilo que Freud (1996), já alertava sobre a transferência ser possível dentro deste campo, desde que por caminhos diferentes aqueles colocados para as neuroses. Ao pensar um tratamento que seja possível as psicoses, é fundamental considerar as diferenças na constituição dos sujeitos psicóticos frente aos neuróticos, desde a não

inscrição do Nome-do-pai, a relação que esses sujeitos estabelecem com o outro, assim como suas produções subjetivas.

O tratamento voltado para as psicoses, partindo do campo psicanalítico, irá valorizar a palavra do sujeito sobre si, colocando-o de forma ativa em eu processo analítico, convidando o analista a ocupar o papel de ‘secretário do alienado’, ao qual caberá a ele ceder um lugar de escuta para esse sujeito, acolhendo o que ele diz de forma literal e atentando-se para os significados que o sujeito atribui aos elementos por ele eleitos.

Ao ceder esse lugar de escuta e acolhimento, o analista abre espaço para que o sujeito possa elaborar, e a partir de suas criações, possa organizar-se e estabelecer âncoras. É necessário destacar que embora exista a possibilidade de estabilização nas psicoses, essa estabilização pode ser frágil e há chances de reverter-se novamente. Contudo, deve-se considerar que o trabalho analítico com sujeitos psicóticos é possível, e desde que seja bem conduzido, pode apresentar excelentes resultados.

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund 1924. A perda da realidade na neurose e na psicose: in Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição Standard brasileira, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- FREUD, Sigmund. FORMULAÇÕES SOBRE OS DOIS PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO: obras completas volume 10 observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O CASO SCHREBER”), artigos sobre técnica e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund (1914-1916). Obras Completas, volume 12: Introdução ao Narcisismo: ensaios sobre a metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund (1924) Neurose e psicose, in Obras psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a psicologia do inconsciente, vol.3, R.J., Imago, 2007.
- FREUD, Sigmund (1915). O inconsciente In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas v.14. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- FREUD, Sigmund (1913). Totem e Tabu. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, Jacques (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: Escritos (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- LACAN, Jacques (1955-1956). O seminário, livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LACAN, Jacques (1949). O Estádio do Espelho Como Formador da Função do Eu. Zurique: Jorge Zahar Editor, 1998.
- KYRILLOS Neto, Fuad; MOREIRA, Jacqueline Oliveira (Org.). Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade. Barbacena: Eduemg, 2010. 179 p.